

Sandel e o Prometeu moderno

No livro “*Contra a Perfeição: Ética na era da engenharia genética*”, publicado originalmente em 2007, mas disponível em publicação de 2021 da Editora Civilização Brasileira, Michael J. Sandel expressa suas preocupações com aspectos bioéticos das tecnologias genéticas que podem culminar com seleção ou modificação de embriões humanos.



Yorran Hardman Araújo Montenegro

Professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba, graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba, Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Neurociência pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Autor para correspondência – yorran_montenegro@hotmail.com

Palavras-chave: Sandel, engenharia genética, reprodução humana assistida

Michael J. Sandel é um dos mais proeminentes filósofos da atualidade. Em seu trabalho *Contra a Perfeição: Ética na era da engenharia genética* (publicado originalmente em 2007), o ponto central da obra é a preocupação com aspectos bioéticos do uso de tecnologias genéticas para a seleção ou modificação de embriões, visando o melhoramento dos seres humanos.

No primeiro capítulo da obra, denominado “A ética do melhoramento”, Sandel recapitula todo o desenvolvimento tecnológico conquistado pela engenharia genética até o momento, perpassando por temas como desenvolvimento muscular, memória, altura e seleção do sexo.

No segundo capítulo, denominado “Atletas biônicos”, Sandel traça um paralelo entre as novas descobertas tecnológicas e sua utilização no esporte, em especial fazendo um paralelo com a ideia de *doping*, em que a genética assume a identidade de *bio-doping*. Neste segundo capítulo, Sandel explora o início do debate a respeito da ética em genética, em especial chamando atenção do leitor a respeito das diferentes perspectivas de se considerar a utilização da engenharia genética no melhoramento da habilidade esportiva.

No terceiro capítulo da obra, “Filhos projetados, pais projetistas”, Sandel reflete a respeito da autonomia do indivíduo submetido à escolha deliberativa dos pais quanto às suas características genéticas.

Coerente com a lógica do capítulo anterior, no capítulo quatro, “A nova e a velha eugenias”, discute-se que, embora o embrião não possua a capacidade deliberativa de decidir a respeito de si e de sua autonomia, a sua liberdade é restringida pela escolha de melhoramento por parte dos pais, colocando sobre eles a responsabilidade de escolha; desta forma, “o melhoramento genético desgasta a responsabilidade humana ao sobrepujar o esforço e a dedicação, mas o verdadeiro problema é a explosão, e não o desgaste, da responsabilidade. [...] Os pais se tornam responsáveis por escolher, ou deixar de escolher, as características para seus filhos” (p. 98-99).

Parte do alarme levantado pelas análises de Sandel conduzem a uma conclusão satisfatória no capítulo cinco, “Domínio e talento”, no qual o autor alude à pressão parental sobre os filhos

na modernidade (em especial, para o alcance de uma boa universidade ou de uma boa vida socioeconômica) como um forte fator atrativo ao uso da engenharia genética caso pudesse fornecer uma “escolha” para planejar as características genéticas da criança (p. 67-73). Neste processo, abre-se precedente para que outros indivíduos que não façam uso da tecnologia, segundo o debate levantado pelo autor, sejam julgados. “A explosão da responsabilidade e a carga moral que ela cria [a possibilidade de planejamento genético] também podem ser vistas na mudança de normas surgida com os exames genéticos pré-natais. [...] Os futuros pais continuam livres para escolher se desejam ou não usar exames pré-natais e agir ou não em relação ao diagnóstico. Porém não são livres para escapar do fardo da escolha criada pelas novas tecnologias, nem podem evitar ser envolvidos no quadro ampliado da responsabilidade moral que acompanha os novos hábitos de controle” (p. 100). Esse processo, por sua vez, dá origem a um movimento que Sandel denominou de *self made man*.

Grande parte das questões levantadas por Sandel centra-se no advento do *self made man*. O termo, muito conhecido nos trabalhos de Zygmunt Bauman, refere-se ao indivíduo que faz a si mesmo, ou seja, a responsabilidade por seu futuro recai única e exclusivamente sobre suas próprias ações. As ideias de Sandel concordam com as de Bauman, uma vez que ambos os autores alertam para a decadência da solidariedade derivada do agente aleatório – neste contexto, o acaso – que conduz os caminhos das vidas humanas; afinal, assim como Sandel escreve em seu livro, se o indivíduo se encontra em infortúnio, seria por suas escolhas individuais e não por força exterior.

A engenharia genética, para Sandel, assim como a construção da criatura descrita em *Frankenstein ou Prometeu Moderno* de Mary Shelley, possibilita que o homem se encontre no papel de um Prometeu contemporâneo e alce voos perigosos. Segundo a mitologia grega, Prometeu foi um guerreiro na luta dos deuses contra os titãs. Em um determinado dia, Prometeu invadiu a oficina de Hefesto e Atena, roubando o fogo e levando-o de presente aos seres humanos. Zeus, irado pela ousadia de Prometeu e por ter dado aos seres humanos o poder do fogo, prende-o e castiga-o eterna-

mente. No livro de Mary Shelley, Frankenstein é um cientista que descobre o segredo de dar a vida a partes anatômicas ou homens mortos. Tal habilidade o levou a criar uma criatura monstruosa que acarretou dor e sofrimento a todos à sua volta, incluindo a própria criatura. Sandel, em uma audaciosa investida, insiste que a genética é o campo que mais tem se aproximado da visão de Prometeu Moderno, traçando críticas de cunho ético em relação a possibilidade de escolha que o uso da tecnologia da engenharia genética e reprodução humana assistida podem fornecer aos seres humanos.

Os resultados dessa permissividade seriam desalentadores para o autor, em especial a possibilidade de uma nova eugenia, explanada de forma clara no capítulo quatro. Segundo o autor, esta possibilidade levaria a mitigação da liberdade individual e aumento do peso da responsabilidade sobre os pais (p. 90-93). Vale salientar que esta nova eugenia, denominada pelo autor como liberal (em parcial concordância com a visão de Jürgen Habermas), diferente da eugenia clássica, é perpetrada pelos próprios genitores em *“uma atitude de dominação, que não valoriza o caráter de dádiva das potências e conquistas humanas e desconsidera aquela parcela da liberdade que consiste em uma persistente negociação com aquilo que nos é dado”* (p. 93). A crítica voltada aos defensores da Eugenia Liberal parte do princípio de corrupção do amor incondicional parental no aceite da aleatoriedade de características genéticas proporcionadas pela fecundação. *“Uma das bênçãos de nos ver como criaturas da natureza, de Deus ou do acaso é não sermos completamente responsáveis por aquilo que somos. Quando mais nos tornamos mestres de nossas cargas genéticas, maior o fardo que carregaremos pelos talentos que temos e pelo nosso desempenho”* (p. 99).

Embora as discussões levantadas pelo autor sejam de extrema relevância para o cenário contemporâneo, em especial com o avanço da tecnologia de reprodução humana assistida e os debates éticos acerca da temática, tão caros à ciência e à genética, parte dos seus receios levam a uma compreensão empobrecida do que hoje sabemos a respeito da herdabilidade das características genéticas. O autor parece não compreender que grande parte das características genéticas evidenciadas em sua escrita

(inteligência, capacidade competitiva esportiva, altura etc.) se devem ao efeito de inúmeros genes, bem como uma rede intrincada de processos de regulação da expressão gênica, além do ambiente. O medo do autor diz respeito, em grande parte, a traços fenotípicos derivados de herança poligênica ou a mecanismos multifatoriais, com diversas contribuições de um número grande de genes e alelos. Tais características, pelo menos nos dias de hoje, ainda não têm sua base genética completamente compreendida para que possam ser facilmente manipuladas pelos procedimentos citados no texto. No entanto, levando-se em consideração as possibilidades futuras, de quais ferramentas a sociedade dispõe para evitar quaisquer decisões precipitadas? O debate sobre direitos reprodutivos e a possibilidade do fenômeno “bebês projetados” deve ser realizado em três principais esferas: político-pública, sociedade civil e profissionais de genética e reprodução humana. A descentralização do debate pode fornecer as bases para se estabelecer normativas que possam evitar os desfechos negativos levantados por Sandel. Mais do que isso: a perspectiva da possibilidade de desenvolvimento deste tipo de tecnologia pode começar a ser debatida nas salas de aula, ampliando o repertório discursivo do professor e, concomitantemente, auxiliando no desenvolvimento do pensamento crítico por parte do aluno.

Conclui-se da leitura da obra um alerta para a necessidade da difusão de conhecimentos científicos genéticos na sociedade civil e, mais do que isso, a comunicação interdisciplinar entre as áreas do conhecimento, contribuindo para a construção de um conhecimento mais acurado e na construção de debates construtivos para o avanço científico na sociedade. Vale repetir: os aspectos éticos levantados pelo autor são de extrema importância para a sociedade e levantam receios reais a respeito do panorama científico; no entanto, o debate seria muito mais enriquecido apresentando-se o panorama real do conhecimento que se tem nos dias de hoje sobre a herdabilidade de traços genéticos.

Para Saber Mais

SANDEL, M. J. *Contra a Perfeição: Ética na era da engenharia genética*. São Paulo: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 4a ed, 2021.